

Após sofrer o peso do longo processo da escravidão e colonialismo, a África se vê representada através do binóculo que, por um lado vê apenas um mundo cheio de negatividade e, por outro, um mundo aparentemente uno no quesito da diversidade, território e estrutura social. Nisso, é legitimado, unificado e reificado o outro, por aqueles que possuem o poder hegemônico e, consequentemente, cria-se o território simbólico. Com isso, formam-se os sentidos espaciais e as designações referentes a pertencimento. Sendo perifерizados e condicionados a colonização, precisamos abolir certas formas de representação e evocar discursos que reafirmem certas identidades que demonstrem que os atores sociais provenientes do continente africano possuem uma pátria, uma cultura, língua, e há uma certa urgência em se desatar das amarras que mantem os nossos olhos fixos numa representação euro-ocidentalizada para que nenhuma igualdade não venha a causar inferioridade e nem a diferença, a descaracterização. Assim, teremos uma “igualdade que reconheça as diferenças” e uma “diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (SOUSA SANTOS, 2003, p.56).

Diltino Ferreira, em “A construção discursiva da África e seus atores sociais na imprensa cearense”, dissertação, Universidade Estadual do Ceará, 2016.